



DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE A MORTE: UMA ANÁLISE SOBRE DEATH NOTE (2006)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3676

Bruno Refundini de Oliveira, UEM

Resumo

A seguinte pesquisa consiste em analisar as crenças orientais a partir da duologia *Death Note* (2006) e *Death Note the Last Name* (2006), dirigido por Shusuke Kaneko, adaptações cinematográficas, do mangá, *Death Note* (2003-2006), escrito por Tsugumi Ohta e ilustrado por Takeshi Obata. A narrativa demonstra o jovem Light Yagami (Tatsuya Fujiwara) que, após ter contato com um objeto do mundo sobrenatural, busca realizar uma revolução sócio-político, sendo que, o único capaz de pará-lo é o detetive L (Kenichi Matsuyama), em uma disputa que definirá o conceito de “justiça”. A partir desta fonte, se torna possível uma análise pelo viés de múltiplas áreas do conhecimento, tais como Direito, Filosofia, História e Psicologia, as quais contribuem para a discussão sobre, como se deve executar a pena de morte, o questionamento acerca dos valores do “bem” e do “mal”, a representação da hierofania contida no “caderno da morte” e as características da Jornada do Herói. Para tanto, os aportes teóricos constituem em Lilian Yamamoto (2015), Friedrich Nietzsche (2003), Mircea Eliade (1992) e Joseph Campbell (2013). Elegendo como aporte metodológico Marcos Napolitano (2011) e Roberto Abdala Junior (2009) para se analisar o cinema como documento histórico e como tais elementos são “representados” ao telespectador.

Palavras Chave:

História das crenças;
representações míticas;
“morte”; filosofia.

Introdução

Death Note (2003-2006) é uma obra de repercussão do mangaká *Tsugumi Obba*¹ e ilustrado por Takeshi Obata², a qual foi adaptada para o cinema em 2006, pelo diretor Shunsuke Kaneko³ e o roteirista Tetsuya Oishi. A história de Light Yagami (Tatsuya Fukiwara) é transformada quando adquire o Death Note e conhece o *shinigami* Ryuk⁴ (Shidou Nakamura, voz), projeta-se em um conflito tático de proporção global, contra o detetive L (Kenichi Matsuyama), no qual o objetivo é a justiça no conceito da “morte”.

A construção do protagonista Light Yagami se é passada como um intelectual, um jovem acadêmico de Direito, trilingue e hacker. O forte senso de justiça de Light o leva a investigar o cumprimento da lei, e tem a descoberta de que inúmeros criminosos estão livres, por incompetência do sistema ou falta de provas (DEATH NOTE, 2006). Perde a fé na justiça, jogando fora um livro de práticas jurídicas em um beco qualquer, e encontrando o elemento chave de toda a trama o Death Note, em razão que esse representa a “hierofania” (ELIADE, 1992). A manifestação do sagrado

permite a Light Yagami se tornar Kira⁵, e dá início a uma revolução idealista, ao lado de Misa Amane (Erika Toda), “Trata-se de assumir a criação do ‘mundo’ que se escolheu habitar” (ELIADE, 1992, p. 31).

Por outro lado, a construção do personagem L se constrói com base em poucas informações, apenas que também é um intelectual, considerado o último recurso da justiça em deter grandes criminosos. L, como o grande detetive Sherlock Holmes, se utiliza do método Morelli, que consiste em reconstituir a cadeia de eventos, a partir dos pormenores, que à maioria é imperceptível (GINZBURG, 1991), destacando a cena em que L, se apresenta a Light, com o mesmo pacote de batata frita, que o “inocenta” (DEATH NOTE, 2006).

Partindo desta fonte, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma discussão teórica acerca da cadeia de eventos ligadas, a pena de morte, moral, monomito e da hierofania. Para isto se foram elegidos como aporte teórico Lilian Yamamoto (2015), Friederich Nietzsche (2003), Joseph Campbell (2013) e Mircea Eliade (1992).

Cinema enquanto fonte histórica

Na visão teórica e metodológica de Roberto Abdala Júnior (2009), o cinema pode ser usado pelos professores de História na construção do conhecimento histórico (ABDALA, 2009), dada a presença e o súbito interesse em filmes e outras fontes audiovisuais que dialoguem com o presente e a visão do futuro e do passado. Porém o Cinema e História possuem diferenças em suas narrativas.

¹ Pseudônimo do autor, além de ser reconhecido por escrever *Bakuman* (2008-2012) e *Platinum End* (2015 -).

² Takeshi Obata também é conhecido por ilustrar *Hikaru no Go* (1998-2003) e *Bakuman* (2008-2012).

³ Shusuke Kaneko também é conhecido por outros trabalhos como *Godzilla, Mothra & King Ghidorah* (2001) e *Gamera* trilogia (1995, 1996, 1999).

⁴ “Não há tradução em português que consiga abranger o conceito japonês de *shinigami*, mas podemos aproximá-lo da concepção ocidental de “ceifeiro da morte”. As tradições nipônicas não acreditam em uma *dona morte*, mas em deuses que a servem e dela se constituem.” Ver: SCHMALTZ NETO, 2015, p. 15).

⁵ Uma versão nipônica do léxico inglês *killer*. Além do mais, é o título dado a todos os usuários do Death Note.

De acordo com a metodologia de Roberto Abdala Junior, *Death Note* ancora sua “realidade” na moderna cidade de Tóquio, lidando com a tradição milenar nipônica à crença na figura do *shinigami* e do Herói, como o mito se mostra presente ao homem contemporâneo, os conflitos sociais presentes no cotidiano, e as novas relações internacionais do Japão, que viveu por muitos séculos um bloqueio diplomático.

História e Cinema apresentam o desenrolar de acontecimentos, procurando atribuir coerência e inteligibilidade aos processos históricos e/ou aos contextos no qual eles têm sua origem ou estão imbricados; ancoram seus discursos numa “realidade” que se dispõem a (re) construir. Ao realizarem essa (re)construção, recorrem a estratégias discursivas que pretendem instaurar uma inteligibilidade às relações socioculturais, políticas, econômicas, enfim, às relações históricas de toda ordem que entram na composição dos seus discursos e constroem “o mundo como representação. (ABDALA, 2009, p. 2)

A importância dos cenários, segundo Abdala, corresponde a materialização da narrativa ao telespectador, onde é apresentado aspectos da época os quais se propõem a dialogar. No caso de *Death Note* que busca representar o mesmo período o qual é gravado se tem uma maior representação da realidade do que se buscasse reproduzir, por exemplo, o Japão da Era Edo, visto que, tudo o que está sendo exibido representa um ponto de vista sobre a realidade, além do uso de computação gráfica para demonstrar o *shinigami*, aumentando a “impressão de realidade” (ABDALA, 2009, p. 2).

A narrativa do Cinema tem como objetivo apresentar uma boa história ao telespectador, apenas o

comprimento desta condição já a encerra, enquanto que na narrativa da História é compartilhar conhecimento sobre uma dada memória que se faz/fez presente de determinada sociedade (ABDALA, 2009). Em *Death Note* a narrativa segue desde o ponto ao qual o protagonista adquire o caderno que pode revolucionar o mundo até seu fim, ao olhar do historiador essa narrativa apresenta as memórias que se fazem presente no Japão moderno.

Do ponto de vista metodológico, as fontes audiovisuais, neste caso o cinema, são vistas como “novas” fontes primárias (NAPOLITANO, 2011), sendo que alguns as consideram erroneamente, uma demonstração quase direta dos objetivos da história, dividindo-se em duas, as de natureza documental, buscando um registro mais real dos eventos e personagens históricos, e por outro lado, as de natureza artística, são percebidas pelo estigma de subjetividade absoluta. Contudo, o mais importante é perceber a fonte audiovisual (cinema/filme) em sua estrutura de linguagem, seu mecanismo de representação da realidade e seu código interno (NAPOLITANO, 2011).

Destacando o “efeito de realidade” (NAPOLITANO, 2011), como sendo o elemento chave que proporciona ao telespectador a sensação de real nas fontes audiovisuais, isso é a forma como as imagens e o som é demonstrado. Em *Death Note* a trilha sonora é essencial na criação do clímax de suspense e a tensão, a “representação” do Ryuk em um ser é fenomenal, demonstrando a visão do diretor em como seria um *shinigami*. Entretanto é necessário ser capaz de perceber o porquê das adaptações, omissões e falsificações presentes no filme.

No conceito moderno de documento é rejeitado a ideia da historiografia clássica “o documento fala por si”. Sendo assim, as mesmas armadilhas de um texto escrito podem ser encontradas nas fontes audiovisuais.

Posto isto a maior armadilha é analisar o que é evidência e o que é representação, pois todo documento é ancorado na evidência de um fato histórico, entretanto suas representações são cheias de imparcialidades e intencionalidades de demonstrar um determinado ponto de vista (NAPOLITANO, 2011).

Este presente artigo lida com “a História do cinema enfatiza o estudo dos ‘avanços técnicos’, da linguagem cinematográfica e condições sociais de produção e recepção de filmes” (NAPOLITANO, 2011, p. 240). O filme demonstra o avanço da computação gráfica, tendo uma linguagem pautada no suspense e desenvolvendo o interesse pelo desenrolar da trama, trabalhando a realidade sociocultural japonesa, a qual se tem um consenso sobre a aprovação da pena de morte, não é unânime sobre a sociedade existe-se a parcela que questiona. Logo, *Death Note* causa uma recepção reflexiva e questionadora sobre o que ocorre na sociedade nipônica, sintetizando assim “na dupla pergunta ‘o que um filme diz e como diz?’” (NAPOLITANO, 2011, p. 245).

Caderno da Morte

A cena inicial do filme consiste da queda no *Death Note* no mundo Humano. Partindo de uma discussão no campo da História das crenças, já que ponto chave que ancora toda a narrativa é o *Death Note*, ou seja, a hierofania, “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano” (ELIADE, 1992, p. 13). O caderno está representando uma realidade que não faz parte da ordem “natural” deste mundo, ao matar qualquer pessoa que tenha seu nome assinado nele, enquanto visualiza mentalmente o rosto da pessoa.

Light Yagami passa a seguir o comportamento do homem religioso a partir do momento em que está hierofania evidencia o “ponto fixo” absoluto, que simboliza o “Centro” que

equivale à “Criação do Mundo” (ELIADE, 1992).

Na visão de Light este mundo se daria de forma idealizada, um mundo sem crimes (sagrado), do qual autodenomina “Deus” (menção a repetir os passos de Deus criador), além disso seus pares também almejam tal mundo, assim “Esse comportamento verifica se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover se unicamente em um mundo santificado, quer dizer, em um espaço sagrado” (ELIADE, 1992, p. 21).

“Encontramos por toda a parte o simbolismo do Centro do Mundo, e é ele que, na maior parte dos casos, nos permite entender o comportamento religioso em relação ao ‘espaço em que se vive’” (ELIADE, 1992, p. 25). Portanto, o homem religioso só pode viver em um “mundo sacralizado” (“Céu”), enquanto que o a-religioso, representado por L e seus seguidores, convive no profano (Terra) que se marca pela neutralidade, e oposição ao sagrado (ELIADE, 1992). Logo, aceita a imperfeição das leis, simultaneamente as vê como aquilo que os tornam íntegros, diferenciando-os do mundo inferior – mundo da impunidade, da podridão, a qual Light, acredita que a sociedade se encontra.

“Visto que ‘nosso mundo’ é um Cosmos, qualquer ataque exterior ameaça transformá-lo em ‘Caos’” (ELIADE, 1992, p. 28). Assim, se apresenta a imposição de L, sobre o novo mundo de Kira, um verdadeiro agente do “Caos” que, deve ser eliminado em nome do Cosmo, além do mais isto simbolicamente se torna um círculo de constante embate.

Pena de Morte

A pena de morte, na Terra do Sol Nascente é aceita para “os crimes mais graves” (YAMAMOTO, 2015, p. 272), sendo necessário passar por uma série de critérios, para o réu ser

executado.

Light, decide testar o Death Note e percebe que o caderno é real, possui a capacidade de matar pessoas, contato que escreva o nome e imagine o rosto da pessoa, caso a morte não seja detalhada em 40 segundos, morrerá de ataque cardíaco. Light passa a ser juiz, júri, e executor, ignorando os atuais critérios que levam a pena de morte aceita pelo governo japonês que consiste em:

1) a natureza do homicídio; 2) a motivação; 3) o método empregado no homicídio; 4) o número de pessoas mortas; 5) o sentimento dos familiares da vítima; 6) a magnitude das implicações sociais do caso; 7) a idade do réu; 8) os precedentes criminais do réu e; 9) demonstração de remorso pelo réu. (YAMAMOTO, 2015 apud OTANI, 2010, p. 200).

Light, agora com sua conversão em “assassino” passa a se pensar como “Deus do novo mundo” (DEATH NOTE, 30min20s, 2006), o qual se encarrega de consertar o mundo, livrando-o de pessoas más. Sua obsessão em criar um mundo limpo o leva ao extremo, e graças ao Death Note é capaz de “julgar de forma divina” todos que cometam crimes, resultando “numa queda de 70% na criminalidade” (DEATH NOTE THE LAST NAME, 02h03min, 2006), como observado na seguinte citação:

O caráter preventivo caracteriza-se pelo fato de a pena ser cruel o suficiente para o indivíduo ser levado a realizar o cálculo utilitário que o faça abster-se do ato criminoso. Assim, a pena de morte viria a coibir a criminalidade. Da mesma forma, a severidade da pena tem como objetivo causar temor e prevenir que o criminoso seja libertado e venha a tornar-se reincidente (Geis, 1955-56, p. 166). Nessa perspectiva, a vida do criminoso é sacrificada para a salvação dos demais indivíduos da

sociedade. (YAMAMOTO, 2015, p. 274-275)

O detetive L, decide parar Kira, pois seu conceito de justiça difere do mesmo. L acredita que alguns assassinos extremos mereçam a pena de morte, como em sua declaração a Kira que o encontraria e o mataria (DEATH NOTE, 2006), entretanto, ele acredita que isto deva ser a luz da justiça, os julgamentos devem ser avaliados em diversos critérios e em sua natureza, apenas matar um assassino ou ladrão sem averiguar os fatos que levaram ao crime é puramente mais um assassinato à sangue frio e não “justiça”, como se observa na seguinte citação:

Ela deve ocorrer de maneira que a justiça e a igualdade possam existir. Kant também defende a igualdade nos domínios do crime e da punição: o criminoso deverá suportar o mesmo montante de dor que o imputado à vítima. Como ninguém força uma pessoa a cometer crimes, se ela o faz, deve estar desejando receber o mesmo tipo de tratamento; apesar de se retribuir do mesmo modo que a ação, não se considera uma forma de vingança. (YAMAMOTO, 2015 apud, POTTER, 1998, p. 173).

Ciência Venatória

Na busca de pormenores que legitimem a moral de Light Yagami, destaca-se uma cena em que o protagonista se encontra lendo *Jenseits von Gut und Böse* (Além do Bem e do Mal), de Friederich Nietzsche (DEATH NOTE, 1h27min05s, 2006). Conforme um estudante de Direito, esta é uma obra que serve de referencial no direito penal, dada as suas críticas aos valores morais. Perante uma discussão metodológica reconstitua os indícios (GINZBURG, 1991), que convergem e divergem sobre os ideais universais, da moral nobre e plebeia (NIETZSCHE, 2003), presentes em Kira e L.

Kira pode ser visto como representante do espírito nobre nietzschiano. Por ser um verdadeiro nobre, determina o conceito de “bom”, por sua própria força e vontade, em oposição a tudo aquilo que considera baixo, vulgar, não em reação a algo, mas sim por sua vontade e força, concomitantemente despreza e “afasta” o oposto desse nível de elevação e orgulho (NIETZSCHE, 2003). Entretanto, Kira executa uma pessoa completamente inocente, sua namorada Shiori Akino (Yuu Kashii), para se manter em sua revolução, o que diverge, de seu ideal, demonstrando-se como um hipócrita.

L representa um mediador entre a moral do senhor e a moral do escravo. (NIETZSCHE, 2012). O personagem, permeia na moral nobre, ao ponto de estabelecer, o significado da palavra “justiça”. Todavia, L, situa-se, sobre a moral plebeia, já que está submisso ao sistema democrata, portanto, não pode condenar Kira, a não ser que seja capaz de explicar toda a cadeia de eventos, que o permite ser o grande assassino em série.

Além disto a cena na qual Light Yagami assassina Lind L. Taylor (Matt Lagan) (DEATH NOTE, 31min, 2006). Light não se preocupou em averiguar a transmissão enquanto mundial, não se preocupou em investigar se Taylor pudesse ser considerado um “criminoso”, logo, pode ser analisada como “Exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força.” (NIETZSCHE, 2003, p. 36). Ou seja, L, suspeitava que Kira estivesse embasado neste ideal de “nobre”, demonstrando a veracidade de seu método.

Monomito

“Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm

florescido” (CAMPBELL, 2013, p. 15). *Death Note*, apresenta dois heróis Light Yagami/Kira e L. Esta dualidade entre os dois representarem o herói, se exemplifica pela contraposição do povo que o legítimo, e o lado oposto que, classifica o herói, como um monstro (CAMPBELL, 2014).

A análise histórica do mito do herói, também pode ser compreendida pelo paradigma da semiótica médica (GINZBURG, 1991), já que, a psicanálise se apresenta como a ferramenta chave na compreensão das minúcias compostas no mito (CAMPBELL, 2013), estes sintomas se dariam pela manifestação do inconsciente do homem. Sendo que, o herói mitológico se dá pela estrutura nuclear “separação-iniciação-retorno” (CAMPBELL, 2013, p. 36).

Numa palavra: a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torna-las claras, erradica-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local). (CAMPBELL, 2013, p. 27)

Light Yagami, realiza esta tarefa. Retira-se da cena mundana, na cena em que desacredita no sistema judiciário, simbolizado por jogar no beco seu livro de práticas jurídicas (DEATH NOTE, 2006). Inicia sua jornada ao ter contato com o Caderno da Morte, dialogando com o peso da tarefa de se tornar um “assassino”, que elimina os demônios da cultura local, as pessoas más que apodrecem o bem-estar da sociedade nipônica, um corpo social marcado pela lógica de que, cada ser tem o seu papel, e o não cumprimento dessas tarefas, acarretara no retardamento dessa unidade coletiva. Em contrapartida, a construção de L, está posterior a essa fase.

“Sua segunda e solene tarefa e façanha é, por conseguinte [...] retornar

ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu.” (CAMPBELL, 2013, p. 28). A mensagem trazida pelo herói Kira é a execução de todos os criminosos, e salvação daqueles que são “bons” de coração. Kira converge de sua lição no momento em que assassina duas pessoas inocentes (DEATH NOTE, 2006). Simultaneamente, o detetive L, traz a mensagem de punição aos grandes criminosos, através do método morelliano, portanto, só poderia executar os Kira, quando fosse capaz de responder, como Kira dizima as pessoas sem toca-las, e quem são eles(as).

A mensagem recebida é o legado. Assim que L comprova ao mundo a existência de Kira, como um ser limitado, a população divide-se entre a mensagem dos heróis (DEATH NOTE, 2006). Os seguidores de Kira, propagam a sua ideologia através dos meios de comunicação online, enquanto que um segundo Kira (Misa) surge, se apresentando como um “discípulo” que deseja levar o julgamento aos criminosos, ao contrário do primeiro Kira (Light), esta não assassina nenhuma pessoa inocente, mesmo que se demonstre contrária a este ideal (DEATH NOTE THE LAST NAME, 23min,15s, 2006). O governo e seus partidários se posicionam ao lado de L, acreditando que Kira deva ser morto, e que todos devam estar submissos a um código penal justo.

“Muitos mitos se contradizem a si mesmos” (CAMPBELL, 2014, p. 155). Como já demonstrado Light Yagami, perpassou por todo o ciclo cosmogônico do herói, todavia, no final se apresenta como um “monstro-tirano” (CAMPBELL, 2013, p. 67). Light se perde em seu egocentrismo, para ter a chance de matar seu inimigo mortal, disposto a sacrificar Misa (sua “amante”), em vez de si mesmo, resultou em seu fracasso. Por outro lado, L se apresentou como o herói redentor, esteve disposto a fazer o sacrifício final, ao assassinar o

próprio nome no Death Note, e consequentemente garantindo sua vitória, que consistia em provar que Light era o primeiro Kira (DEATH NOTE THE LAST NAME, 2006).

Conclusão

O documento audiovisual *Death Note*, assim como os documentos manuscritos, está produzido sobre uma determinada intencionalidade e representação, um conjunto de ideias, articulado com coerência e coesão em si mesma (NAPOLITANO, 2011).

Sob o olhar da História das crenças, os filmes *Death Note*, apresentam uma visão de determinado corpo social japonês, de 2006. A relação entre o homem religioso e a-religioso, no país já considerado a terra dos deuses.

A sobrevivência do monomito, por seu valor, a maturação da psique humana, “[...] nem sequer teremos que correr os riscos de todos os tempos nos precederam, o labirinto é totalmente conhecido” (CAMPBELL, 2013, p. 31). Sendo ressaltado que esses caminhos não são imutáveis, são mutáveis de acordo com a aventura. A mensagem da mitologia consiste em “[...] viva a vida em termos de experiência e, portanto, de conhecimento do mistério intrínseco da vida e do seu próprio mistério” (CAMPBELL, 2014, p. 181).

Em suma, optou-se por elencar uma determinada cadeia de elos, que permita a ancoragem na História das crenças, enquanto transita nas demais ciências humanas, “E, como o do médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 1991, p. 157).

Referências

ABDALA JUNIOR, Roberto. O cinema: outra forma de “ver” a história. Revista Iberoamericana de Educación. p.1-11. Disponível em: <<http://www.rioei.org/deloslectores/1244abdala.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

- CAMPBELL, Joseph. A saga do herói. In: CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Atena, 2014, p.137-181.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2013.
- DEATH NOTE (Desu nôto). Direção Shusuke Kaneko. Produção Tetsuya Oishi. Tóquio - JP, Produtora Nippon Tv, 2006. 126 min. Son, color, formato DTS-ES.
- DEATH NOTE THE LAST NAME (Desu nôto). Direção Shusuke Kaneko. Produção Tetsuya Oishi. Tóquio - JP, Produtora Nippon Tv, 2006. 141 min. Son, color, formato DTS-ES.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GINZBURG, Carlos. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GUINZBURG, Carlos. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 143-180.
- NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 235-290.
- NIETZSCHE, Friedrich. O que é nobre? In: _____. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 153-179.
- NIETZSCHE, Friedrich. Primeira dissertação: “Bom e mau”, “bom e ruim”. In: _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 17-47.
- SCHMALTZ NETO, G. F. **Paixões e traço míticos no discurso do anime [manuscrito]: Uma análise em Death Note**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Feral de Goiás: Goiás, 2013.
- YAMAMOTO, Lilian. A literatura de cárcere em defesa de um condenado à pena de morte no Japão – “Lágrimas da ignorância”, de Norio Nagayama. *Anamorphosis: Revista Internacional de Direito e Literatura*, ISSN-e 2446-8088, Vol.1, Nº.2, 2015. p.267-283. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5771524>>. Acesso em: 23 jan. 2017.